


• TEM UM GIGANTE ESCONDIDO NO PASTO

Liana John
Arnaud Desbiez

*Ele só sai tarde da
noite, anda de armadura
e é quase tão antigo
quanto os dinossauros*



Há muito tempo, uns 60 mil anos atrás, a América do Sul não tinha fazendas nem cidades. As terras eram povoadas por animais enormes. Existiam preguiças com três metros de altura e mais de 350 quilos. E também gliptodontes do tamanho de um fusca, cobertos de placas duras, alguns até com uma bola de espinhos na ponta da cauda. Mas esses gigantes impressionantes já não vivem mais, estão extintos. Todos, menos um, quase esquecido pelos cientistas: o tatu-canastra, habitante dos pastos naturais do Pantanal.

Do focinho até a ponta do rabo, esse tatu tem um metro e meio! E pode pesar até 50 kg, dez vezes mais do que o tatu-peba. Seu tamanho aparece até em alguns de seus nomes comuns, como tatu-gigante, tatu-carreta ou tatu-açu (açu quer dizer grande, em tupi-guarani). Aparece também no nome científico, em latim: *Priodontes maximus*.

Além disso, ele tem uma arma secreta impressionante: suas garras! Nas patas da frente são todas fortes, curvadas e afiadas, mas as do terceiro dedo são imensas: 15 centímetros! São as maiores dentre todos os animais da atualidade, maiores até do que as do urso polar!

O tatu-canastra usa as super garras para abrir cupinzeiros, já que sua comida predileta são os cupins. E também para cavar os buracos onde mora. Os buracos, aliás, são os sinais mais visíveis da presença desses gigantes no seu pasto. Eles cavam diversos tipos de buracos e todos têm uma entrada grande, com uns 35 centímetros de diâmetro, quase dois palmos. Nenhum outro bicho faz buracos assim. No Pantanal, os buracos ficam disfarçados no meio da vegetação, em geral, no meio dos murundus.

Além do Mato Grosso do Sul, o canastra existe em outros estados brasileiros e em mais 11 países da América do Sul. Só é cada vez mais difícil encontrar ambientes preservados, onde ele consiga alimento e abrigo para viver em paz, sem ameaças de caça, envenenamentos ou mesmo atropelamentos. Por sua extensão e tipo de manejo, as fazendas pantaneiras estão entre as raras localidades ideais para a sobrevivência desse bicho pré-histórico.

Um deles pode até ser seu vizinho, sem você perceber. Eles são bem discretos: passam a maior parte do tempo dentro de seus buracos e só saem tarde da noite, de madrugada mesmo. Por isso, nem os peões de comitivas costumam ver. Na fazenda onde estudamos esses tatus, a proprietária, Rita Jurgielewicz, nunca tinha visto um ao vivo. E olha que ela anda muito a cavalo e roda bastante de caminhonete com turistas, de dia e à noite. Ela reparou só nos buracos, a vida toda.

Para aprender mais sobre a espécie *Priodontes maximus*, conhecer seus hábitos, seu comportamento e seus caminhos, iniciamos o Projeto Tatu-Canastra do Pantanal em 2010, na fazenda Baía das Pedras, município de Aquidauana. Essa é a primeira pesquisa de longo prazo feita sobre esse animal extremamente raro. Para encontrar ou seguir os bichos, usamos diversas metodologias: radiotransmissores, câmeras com sensores de movimento, inspeção de buracos, monitoramento de recursos, mapeamentos e entrevistas. E, quando conseguimos capturar um, tiramos medidas e amostras de sangue e sêmen, para saber se estão bem de saúde.

Com pouco tempo de estudo, já fizemos algumas descobertas interessantes. Os buracos cavados pelo canastra e os montes de areia acumulados ao lado, por exemplo, são usados por mais de 24 animais diferentes. Para alguns – como o tamanduá-mirim, a cotia, a irara, a jaguatirica, a raposinha e

tatus menores – aquelas tocas servem para descansar e escapar do calor. A temperatura dentro dos buracos está sempre em torno de 25 graus centígrados, esteja quente ou frio do lado de fora.

Os outros animais ainda usam os buracos para escapar de predadores ou se esconder de eventuais ameaças. Quanto aos montes de material retirado do buraco pelos tatus, estes servem como áreas de lazer, proporcionando verdadeiros banhos de areia para queixadas ou tamanduás-bandeira. É como uma criança pantaneira nos disse, ao aprender sobre a espécie: “o tatu-canastra é que nem prefeito, dá casa de graça para os outros”.

Tem mais: os gigantes tímidos são úteis para controlar formigas e cupins. Conforme nossas observações, eles praticamente só comem isso. Com suas garras poderosas, um adulto, sozinho, acaba com parte do cupinzeiro mais resistente em questão de minutos!

Cada tatu-canastra fica relativamente distante de outro exemplar da mesma espécie. Ainda não



temos muitos dados, mas uma das fêmeas que estamos monitorando parece ocupar um território de 2000 hectares. Outras fêmeas não entram na área dela. Só os machos fazem uma visitinha de vez em quando. Enquanto acompanhávamos essa fêmea, conseguimos documentar pela primeira vez o nascimento de um filhote. Nossas câmeras flagraram o macho e a fêmea juntos, dividindo a mesma toca e cinco meses depois fotografaram os primeiros passos do filhote fora do buraco. Estas foram as primeiras imagens jamais feitas de um bebê tatu-canastra na natureza! Antes desta observação, ninguém tinha documentado a gestação, os filhotes ou outros detalhes da reprodução.

Justamente porque os tatus-canastra são raros e vivem espalhados, a perda de cada animal faz muita falta para toda a espécie. Eles podem desaparecer devido a desmatamentos, porque ficam sem um ambiente bom para morar. No Pantanal, existem muitos fazendeiros que preferem passar o trator em cima dos murundus, sem saber que estão aca-

bandando com a casa dos gigantes pré-históricos.

O envenenamento dos cupinzeiros é outro problema. Mata os canastras, os outros tatus menores e os tamanduás. Sem contar o mal que causa à saúde humana. O fogo é mais uma ameaça importante. Nós encontramos uma fêmea em uma fazenda vizinha que conseguiu escapar de uma queimada, mas morreu algumas semanas depois. As pessoas acham que eles sobrevivem por se abrigarem dentro dos buracos, porém se esquecem dos efeitos da fumaça, do calor que queima os pulmões e das brasas que ainda machucam quando eles se mudam por causa da destruição.

Ah, muito pantaneiros também acreditam que o tatu-canastra dá azar. Durante várias entrevistas, ouvimos isso de pessoas que mataram um ou dois tatus-canastras em suas vidas. Pois não tem nada de azar, não! É o contrário: do jeito que eles são raros, se você consegue ver um tatu-canastra ao vivo, na natureza, você pode se considerar um baita sortudo, como poucos no mundo!



FOTO: KEVIN SCHAFER



FOTO: PANTANIL GIANT ARMADILLO PROJECT